



ENSINO DE GEOGRAFIA: ANÁLISE LITERÁRIA SOBRE O ENSINO EMERGENCIAL

Mayra Nayara Nair dos Santos¹

Victor Alves Santos²

Ykaro Felipe Sousa Silva³

Resumo: O novo Coronavírus (Covid-19) que surgiu na cidade de Wuhan, na China no final de 2019, desencadeou um processo de isolamento social em todo o mundo ocasionando o fechamento de vários setores existentes, na educação não foi diferente. No Brasil, a partir de março de 2020 todas as atividades foram suspensas e a partir disso as escolas tiveram suas atividades escolares suspensas. Ao passo para que a Covid-19 não interferisse de forma inimaginável na educação, a implantação do Ensino Remoto Emergencial foi inserida na rotina de professores e alunos. Uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) foram os meios de comunicação usados para a ligação professor-aluno. Assim, essa pesquisa nos permite analisar a escrita acadêmica frente aos processos de implantação do ensino emergencial nas escolas. Para tanto, realizou-se pesquisas bibliográficas com abordagem qualitativa. A pesquisa possibilitou perceber a sobrecarga dos professores e a importância do espaço escolar para a formação social do aluno.

Palavras-chave: Covid-19, Ensino Remoto Emergencial, Ensino de Geografia.

Abstract: The new Coronavirus (Covid-19) that appeared in the city of Wuhan, China at the end of 2019, triggered a process of social isolation around the world causing the closure of several existing sectors, in education wasn't different. In Brazil, as of March 2020, all activities were suspended and from then on schools had their school activities suspended. In order for Covid-19 not to interfere in an unimaginable way in education, the implementation of Emergency Remote Learning was inserted in the routine of teachers and students. Use of Digital Information and Communication Technologies (ICT) were the means of communication used for the teacher-student connection. Thus, this research allows us to analyze academic writing in the face of the processes of emergency teaching implementation in schools. To do so, we carried out bibliographic research with a qualitative approach. The research made it possible to perceive the overload of teachers and the importance of the school space for the student's social formation.

Keywords: Covid-19, Emergency Remote Teaching, Teaching of Geography.

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019 surge na cidade de Wuhan, na China, o vírus Sars-CoV-2, também conhecido como Coronavírus ou Covid-19. Esse vírus provocou na cidade, de acordo

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, mayrinhanair@gmail.com

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, victor.santosalves@hotmail.com

³ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, ykaro_felipe@hotmail.com



com Barreto (2020), sintomas de pneumonia nos infectados e, logo em seguida, alguns pacientes passaram a apresentar síndrome respiratória aguda, seguindo de hospitalização e, em sua maioria, ocasionando morte do paciente. Toda essa rapidez com que o vírus se espalhou e infectou milhares de pessoas na cidade fez com que os governantes notificassem a Organização Mundial da Saúde (OMS) que passou a averiguar as recorrências dos casos.

Para tanto, “a Covid-19 se apresenta como uma doença de grande transmissibilidade e gravidade clínica” (FREITAS *et. al.*, 2020, p. 02). Tendo em vista que o vírus, já espalhado em muitos territórios num dado mundial, é de fácil contágio, governos buscaram estratégias para diminuir os danos causados pelo vírus e a exigência global foi que as pessoas mantivessem distâncias de 1,5 m a 2 m, usassem máscaras ao sair de casa e tivessem regularmente higienizando as mãos ou utilizassem álcool gel antes e depois de pegar em objetos.

Todo esse processo de isolamento social impactou todos os setores no Brasil e no mundo fazendo com que as relações socioespaciais sofressem um impacto importante em suas relações sociais. Esses impactos ocasionaram ruptura abrupta na educação, pois com os “casos confirmados no Brasil, o então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta, tendo como base as recomendações da OMS, sugeriu que os estados adotassem como medida de prevenção a suspensão das aulas em todo país” (BARRETO *et. al.*, 2020, p. 05).

Foi a partir daí que os governantes estaduais e municipais começaram uma árdua tarefa em considerar a realidade dos discentes e implantassem mecanismos que permitissem a continuidade do ensino, assim, Dos Santos (2020, p. 45342) nos cita que “a educação a distância vem sendo cada vez mais impulsionada, constituindo-se como uma nova concepção de aprendizado e interatividade traduzida em uma tendência atual em termos de processo educativo”.

Tendo em vista os processos no qual o ensino emergencial foi implantado no Brasil, este trabalho se justifica na medida em que torna possível uma discussão a respeito do processo de ensino emergencial nas escolas, uma vez que, através da revisão bibliográfica, é possível compreender o trajeto de sua implementação e seus impactos enquanto sociedade.

Para isso, nos baseamos no objetivo geral que é analisar a escrita acadêmica frente ao processo de ensino emergencial nas escolas, apoiando-nos nos seguintes objetivos específicos: a) observar a implantação do ensino emergencial e as restrições para enfrentamento da Covid-19; b) discutir os pontos relevantes nas revisões bibliográficas sobre desafios da implementação do ensino emergencial; e, c) concluir com os autores a respeito do processo dos impactos na educação e no ensino.



METODOLOGIA

O estudo presente tem uma abordagem qualitativa, baseada em Barretos (2020), que descreve sobre as soluções das normalidades sociais, educacionais e econômicas, sendo de forma árdua e relatando que essas serão tarefas igualmente difíceis, em especial na educação, na qual o processo de ensino aponta caminhos irreversíveis, tendo professores que sofrem com o processo tecnológico e os alunos possuem reduzidos acessos à internet – item indispensável no processo do atual ensino aprendizagem.

Em relação aos objetivos, trata-se de um estudo exploratório que, segundo Gerhardt (2009, p. 35), esse tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Com a proposta de apresentar uma visão a respeito da compreensão da escrita acadêmica diante dos desafios em relação ao processo de implementação do ensino emergencial nas escolas, utilizamos os seguintes critérios: (1) Ferramentas: realizamos nossa pesquisa por meio da internet, especificamente a Plataforma *Google*, junto com livros físicos, navegação em sites que pudessem auxiliar com artigos científicos que abordem o tema proposto; (2) Nível de conhecimento: organizamos em pastas específicas todos os artigos baixados necessários à pesquisa e organizamos por tópicos que abordassem os mesmos assuntos ou que se articulavam entre si. (3) Leituras: o processo de leitura deu-se no decorrer das necessidades que os objetivos específicos estavam trazendo para o próprio estudo, uma vez que, durante a leitura, novos caminhos metodológicos vão surgindo e a demanda aumentando; (4) Escrita: estabelecemos autores e dividimos as leituras para que o processo de escrita tivesse uma linha tênue entre o tema sugerido e a pesquisa realizada.

A análise de artigos que abordam o tema foi crucial para o processo de construção deste trabalho uma vez que foi possível compreender e analisar a relevância dessa pesquisa para a sociedade como um todo.

REFERENCIAL TEÓRICO

No Mundo, segundo a Unesco (2020), no ano de 2020 “ocorreu a maior ruptura educacional da história, que obrigou, em seu auge, quase 1,6 bilhão de estudantes a deixarem suas salas de aula em mais de 190 países. Isso representa mais de 90% da população estudantil de todo o mundo”. No Brasil, a escolha foi pelo fechamento total das instituições de ensino, ocasionando assim a suspensão das aulas presenciais. Nesse processo, o Ministério da Educação



(MEC) sugeriu alternativas que fossem capazes de dar continuidade ao ano letivo com aulas ditas à distância sendo transmitidas por meios de comunicação como um todo.

A organização “Todos pela Educação” (2020, p. 03) lançou uma nota técnica na qual relata que as “redes de ensino interromperam o funcionamento das escolas e já estão em processo de transferir as aulas e outras atividades para formatos a distância”, assim, com a necessidade de isolamento social, o “protocolo de segurança ocasionado pela pandemia levou diversos governos a decretar a suspensão das atividades letivas presenciais nas escolas de Educação Básica, Técnica e no Ensino Superior” (PINTO, 2021, p. 01) fazendo com que os estados e municípios começassem a implantar medidas de aulas remotas com o objetivo de continuidade das aulas para o ano letivo.

Essa ruptura das aulas gerou medidas para resolução das continuidades escolares em todo o país e o processo de implantação de ensino emergencial se deu início nas instituições de ensino. O ensino emergencial é protegido por lei, como previsto no art. 32, § 4º,

Art. 32. O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 (nove) anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 (seis) anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante (Redação dada pela Lei nº 11.274, de 2006)

[...]

§ 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais (BRASIL, 1996).

Silva (2020, p. 58), nos recorda ainda que a “[...] Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB- Lei nº 9.394/96) dispõe sobre a possibilidade de substituir aula presencial por aulas à distância em casos de emergência”. Como tal, a implantação do Ensino Remoto Emergencial foi inserida na rotina dos alunos e professores das escolas de todo país.

O processo de implantação de ensino emergencial, como solução didática e pedagógica para uma medida de prevenção eficaz, surgiu como possibilidade e esperança para que o impacto na educação dos alunos não fosse agravado de forma intensa e para que as atividades escolares não tivessem uma ruptura abrupta, mesmo que a saída para tal tenha sido no formato *on-line*, sendo uma solução “temporária e emergencial – como o próprio nome destaca – que permitiu às instituições de ensino a possibilidade de manter, dentro das circunstâncias possíveis, as atividades de ensino fora do espaço físico da escola, no contexto da pandemia” (PINTO, 2021, p. 02).

Vale salientar que, segundo Garcia *et. al.* (2021, p. 05) “o ensino remoto permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras” pois, “[...] permite o compartilhamento de conteúdo escolares em aulas



organizadas por meio de perfis [ambientes controlados por login e senha] criados em plataformas de ensino, como, por exemplo, SIGAA e MOODLE, aplicativos como Hangouts, Meet, Zoom ou redes sociais”.

Assim, os meios encontrados para manter as aulas, mas de forma que não seja presencial, encaixam-se no que é chamado de Ensino Remoto Emergencial (ERE) que possui aspectos diferentes da Educação a Distância (EaD) e é caracterizado como sendo, segundo Hodges *et. al.* (2020, p. 06), “uma mudança temporária de ensino para um modo de ensino alternativo devido a circunstâncias de crise” que envolve o “uso de soluções de ensino totalmente remotas para instrução ou educação que, de outra forma, seriam ministradas presencialmente ou como cursos combinados ou híbridos e que retornariam a esse formato assim que a crise ou emergência diminuísse”, nesse processo, “o objetivo principal [...] não é recriar um ecossistema educacional robusto, mas, sim, fornecer acesso temporário à instrução e suporte educacional de uma maneira que seja rápida de configurar e esteja disponível de forma confiável durante uma emergência ou crise”.

Todas essas rupturas dos “processos presenciais para os virtuais de ensino e aprendizagem requer maior exploração de recursos tecnológicos até então pouco utilizados no ambiente escolar”, (DE SOUZA *et. al.*, 2020, p. 83), tornando o processo de isolamento social responsável pela “necessidade implícita de uso das tecnologias digitais (TDIC) para o restabelecimento da comunicação, interação e troca de informações entre pessoas”.

Para o uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação, os professores não possuem cursos que abordem temáticas informacionais e, pelo fato deles intervirem para ministrar aula através de dispositivos móveis, isso se torna algo desafiador, pois, com o professor

pouco habituado às questões ligadas ao uso da tecnologia na sala de aula passa a produzir videoaulas, muitas vezes de forma solitária. Este se vê obrigado a transformar a sua ‘sala de estar’ em um estúdio de gravação. O *smartphone*, mais do que nunca, é usado como uma ferramenta para reprodução do modelo tradicional da sala de aula presencial para o virtual. O professor, na maioria das vezes não tem a formação inicial e/ou continuada para executar tal desafio e acaba utilizando os recursos digitais sem conhecimento pedagógico e/ou didático (JOYE *et. al.*, 2020, p. 14).

Aos alunos dessa nova geração, que já nasceram em outro contexto tecnológico, a adaptação em casa, frente a um aparelho móvel, se torna um ambiente menos desconhecido, um mundo mais explorado, mas cansativo, pois o contato com os outros alunos, com os professores, com o ambiente da sala de aula em si, presencialmente, já não faz mais parte do seu dia a dia. Vale salientar também que no Brasil, produtos essenciais para esta modalidade de



ensino como *Smartphones*, *Notebooks*, computadores de mesa, *tablets* entre outros ainda são muito caros, o que torna o acesso de boa qualidade restrito a uma classe social e o acesso à tecnologia de baixa qualidade a outras diversas existentes.

Porém, diferentemente do mundo virtual, em sala o suporte para o aluno se dava diretamente e imediatamente, dúvidas e questionamentos eram debatidos com os outros colegas e sem interrupção como queda de energia/internet, não há indícios de que as aulas retornem o quanto antes de maneira totalmente normal, além disso, “a escola é um dos espaços sociais em que há maiores trocas e mobilidades de sujeitos de diferentes faixas etárias”, vendo por esse viés, “representa espaço de maior probabilidade de contaminação em massa – o que indica ser um dos últimos espaços a ser reaberto em países que controlaram minimamente a taxa de contaminação do novo coronavírus” (ARRUDA, 2020, p. 263).

Deste modo, no novo método de transposição didática, os alunos precisam utilizar-se de tempo restrito para perguntas, tentar uma conexão segura com a internet oferecida para conseguir dialogar com o professor e/ou trazer ao ambiente escolar, agora virtual, questões permanentes que geram debates e diálogos, realizar tarefas *on-line*, interagir com os outros discentes, além de ficarem sentados em frente a uma tela, tornando tudo isso em um ambiente diferente em relação à realidade com maior interação e conhecida por eles, que era a sala de aula.

Estes desafios nos trazem pontos relevantes diretos quando se remete às aulas remotas, pois autoras como Martins e Almeida (2020), nos colocam como sendo “táticas de sobrevivência”, que, envolvidos em todo o processo de ensino-aprendizado, foram pressionados em usar tais recursos como se essa habilidade já existisse anteriormente, o que nos leva a analisar uma expansão muito imediata, assim dizendo, com preferência de meios audiovisuais *on-line*, como uma realização urgente em cumprir as demandas em que foram expostos.

Apoios como “vídeos, conferências *on-line*, mensagens, *lives*, áudios, imagens e sons, tudo junto e misturado” (MARTINS; ALMEIDA, 2020, p. 219) é o que torna possível a realização das aulas remoto-emergenciais e, mais que isso, é o que liga o professor ao aluno, o aluno à instituição de ensino, os pais com os alunos e os docentes com o corpo administrativo da escola. É esse o espaço atual da escola, pois muitas vezes

o corpo docente parte para o improviso usando redes sociais, fazendo uma produção ineficiente de videoaulas postadas no *YouTube*; enviando atividades previamente selecionadas dos livros didáticos enviadas através de grupos de *WhatsApp*, criados pelas gestões escolares; fazendo videoconferências utilizando aplicativos como o *Google Meet* ou o *Zoom Meeting*, entre outros, ou recorrendo às redes sociais como *YouTube* e *Instagram*, as quais, às vezes, nem sempre são muito eficazes, mas que, neste momento, estão sendo o caminho adotado haja vista o celular está substituindo



o computador como objeto de acesso à internet no contexto local (JOYE *et. al.*, 2020, p. 19).

Além de tudo, a metodologia do professor, agora exposta, torna o ambiente virtual ainda mais complexo, porque agora ele substitui o espaço físico do ambiente escolar. Sem contar os outros grandes desafios enfrentados pelos professores como carga-horária para além do espaço vivido da escola, problemas de conexão com a internet e problemas com os aparelhos eletrônicos, compras de equipamentos tecnológicos para atender a demanda exigida, desmotivação tanto do aluno como do professor, tarefas em grupo um pouco prejudicadas, por conta do contato e interação entre os alunos, espaços com possíveis barulhos tanto internos quanto externos.

Sem contar que as atividades extracurriculares ficaram a cargo dos tutores responsáveis pelas crianças e adolescentes, que são realizadas de acordo com sua realidade, levando em conta que quem cuida terá um papel fundamental, não somente neste momento, mas também na pós crise, pois de acordo com Avelino (2020, p. 60) “[...] o ambiente de casa nem sempre é propício, repleto de violência doméstica, alimentação inadequada, iluminação precária, falta de orientação dos educadores para as atividades, entre outros problemas recorrentes no âmbito familiar que prejudicam a conclusão dessas atividades”.

Em outras palavras, segundo o Escritório de Ensino Superior (2020, p. 05) publicado na revista Federal Student Aid, “um instrutor pode usar e-mail para fornecer materiais de instrução para alunos matriculados em sua classe, usar recursos de chat para se comunicar com os alunos, configurar chamadas em conferência para facilitar conversas em grupo, participar de trocas de e-mail ou exigir que os alunos enviem trabalhos eletronicamente que o instrutor irá avaliar”, mas a demanda em si para acompanhamento dessas atividades serão os responsáveis pelo aluno que, nem sempre, possuem a compreensão educacional que seja capaz de auxiliar no aprendizado do aluno ou tempo suficiente para acompanhar nas atividades extracurriculares.

Sobretudo, levando em conta todo o contexto e “o avanço do ensino remoto em diversas redes, tornam-se urgentes as discussões sobre normatização da equivalência das atividades realizadas a distância. Mesmo que a legislação permita seguir nesse sentido, não há parâmetros mínimos nacionais e tampouco consenso sobre como avançar” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p. 07). Isso faz com que “a ausência de parâmetros mínimos nacionais sobre que tipos de atividades devem ou não contar para fins de equivalência [possa trazer] sérios riscos no futuro imediato. São questões em aberto e que, portanto, deverão receber atenção importante do CNE e dos respectivos órgãos reguladores nos Estados e Municípios” (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020, p. 07 – destaque feito pelos autores).



Contudo, governadores e órgãos responsáveis por esses setores terão que administrar de forma realista o contexto de ensino emergencial nas escolas, uma vez que o processo de transposição didática ocorreu de forma a sanar os possíveis problemas causados pelos vírus e controlar sua disseminação, sendo imprescindível ter conhecimento que, por mais que hoje se tenha um maior entendimento científico a respeito do vírus, é notório que seu impacto na educação é irreversível, pois, além de mudar a dinâmica espacial escolar, mudou de forma significativa o trabalho dos professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A suspensão das atividades escolares frente ao novo Coronavírus, que acabou por provocar uma pandemia, modificando todo o contexto a nível mundial, trouxe novas perspectivas no quesito educação e alterou de forma significativa a vida de milhões de escolas em todo o mundo, com isso, foi preciso encontrar novos mecanismos de ensino e transposição didática mediante a implantação do ensino remoto emergencial na rotina dos alunos do país.

Após casos confirmados, a OMS declarou a pandemia do novo coronavírus e as medidas de distanciamento socioespacial foi sendo implantada, junto com todos esses processos, a suspensão de várias atividades afetando diretamente a vida da nação em todo o mundo.

No Brasil, o vírus manifestou os primeiros sinais que estava em solo brasileiro em fevereiro de 2020, exatamente no dia 26. O paciente era um

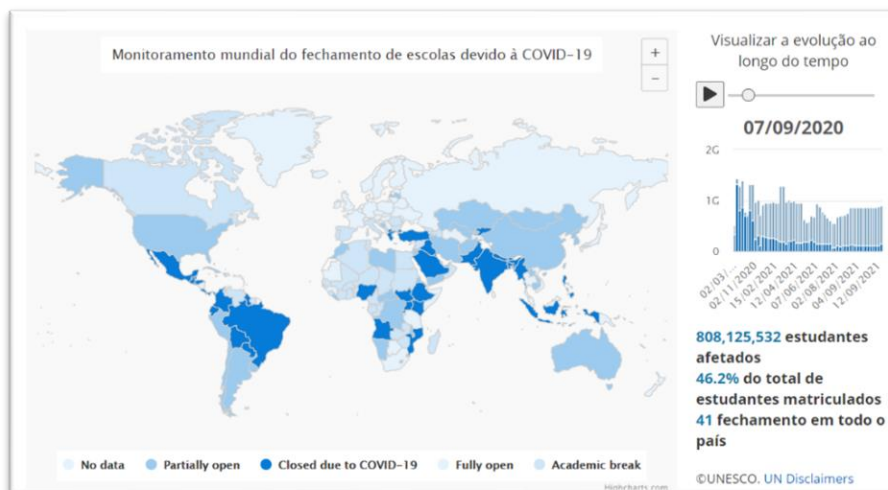
homem de 61 anos, vindo da Itália, foi internado em São Paulo com os sintomas característicos. Uma semana depois, no dia 5 de março, São Paulo tinha dez dos treze casos de Covid-19 no Brasil, quando foi notificado o primeiro no Rio de Janeiro. Já era esperado que São Paulo e Rio de Janeiro apresentassem os primeiros casos no Brasil, pois possuem as cidades mais ricas do país, mais populosas e concentram maior número de voos internacionais (FARIAS, 2020, p. 03).

Assim, “o país decretou estado de calamidade pública dia 18 de março e dois dias depois declarou conhecimento de transmissão comunitária em todo o território nacional. O Ministério da Saúde, a partir de então, passou a recomendar medidas de isolamento social para toda a população brasileira” (SCHUCHMANN *et al.* 2020, p. 3559).

Neste viés, com o avanço do vírus, temos na data do dia 07 de setembro de 2020 (figura 1), o número alarmante de 808,125,532 estudantes afetados diretamente, sendo que este representa 46.2% dos estudantes matriculados no momento, perfazendo um total de 41 escolas fechadas em todo o país. Nos mostra ainda que o Brasil, em uma escala global, era o que estava

mais fechado em todos os setores em conjunto com outros poucos países da América do Sul, devido à Covid-19 (*closed due to Covid-19*).

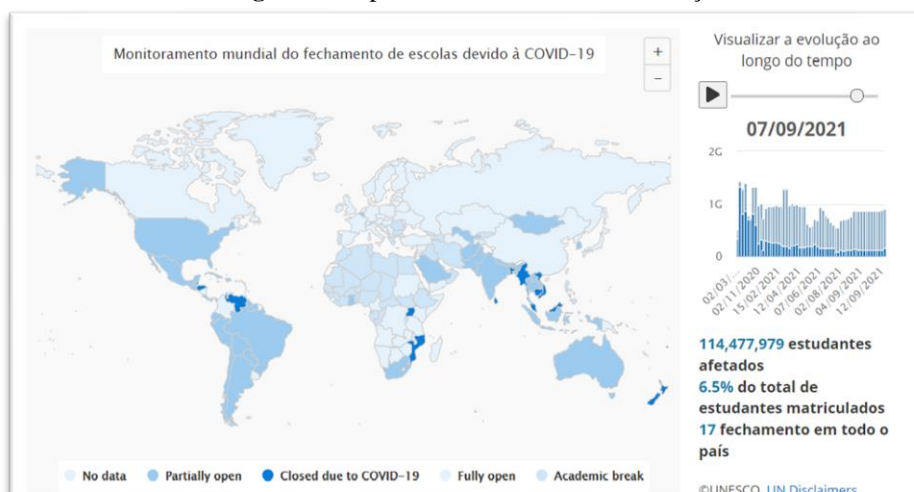
Figura 1: Impacto da COVID-19 na Educação.



Fonte: UNESCO, 2021.

Na mesma data, porém no ano de 2021 (ver figura 2), com o processo de vacinação no país e após um ano de fechamento parcial ou total em vários setores, chegamos ao número de 114,477,979 de estudantes afetados diretamente totalizando 6,5% do total de estudantes matriculados e apenas 17 escolas fechadas e estando com o país em uma escala global em parcialmente aberto (*partially open*).

Figura 2: Impacto da COVID-19 na Educação.



Fonte: UNESCO, 2021

Ao todo, o Brasil ficou 65 semanas (figura 3) com o espaço da escola fechado para realização das atividades escolares, porém, após a organização dos órgãos responsáveis pela compreensão do momento vivido e realização da implantação da metodologia de ensino remoto,

os professores ministravam suas atividades escolares do âmbito de casa, realizando atividades e sem permitir que o ano letivo de 2020 dos alunos não obtivesse grandes prejuízos.

Figura 3: Fechamento das escolas no Brasil em semanas.



Fonte: UNESCO, 2021.

Essa suspensão das atividades provocou na comunidade acadêmica como um todo, impactos que implicaram diretamente na prática docente, principalmente no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem e na organização do espaço vivido do aluno, refazendo as relações sociais e provocando novas metodologias de aprendizado.

Vale salientar que durante a leitura dos textos para a compreensão e escrita desta pesquisa, pode-se observar que alguns autores defendem o processo de transposição didática frente ao processo de implementação emergencial devido ao cenário atual decorrente da Covid-19, tendo em vista que fatores como estar no ambiente familiar, facilita de certa forma a familiarização do discente enquanto espaço local, mas o tira do convívio e o torna refém do vínculo social, fundamental para o crescimento intelectual e individual da formação como ser no mundo.

Apesar disso, pontos negativos são levados em consideração em relação aos alunos quando citam que esse processo não está tendo resultados satisfatórios por não terem uma rotina de estudos e um cronograma entre presenças e atividades em sala de aula. Trabalhos realizados, conexões fracas de internet – ou a falta dela; dentre outros fatores, são a ponte que linca o mau uso dessa nova realidade enquanto sociedade e escola.

Em relação aos professores, se percebe que a formação continuada é uma maneira de aperfeiçoá-los e, não só isso, alicerça um outro olhar mais afetivo quanto aos educadores do



país, uma vez que a formação em si não oferece mecanismos que o permitissem estarem prontos a situações como a que estamos tendo que enfrentar em relação ao coronavírus.

Expõem ainda a necessidade da inclusão do uso de novas tecnologias na grade curricular durante a graduação, pois, como faz parte de um caso de emergência, e o mesmo já é pré-definido em leis no governo, nada mais justo que aperfeiçoar os professores durante a graduação para que estejam preparados e saibam agir quando ocorrer algo parecido – *vide Covid-19*.

Vale a reflexão também no entorno das relações com os responsáveis pelos alunos durante todo o processo de isolamento social, uma preparação ou curso para que eles possam compreender o quão importante e intenso a tríplice pais-escolas-sociedade estão interligadas, pois o conhecimento mais aprofundado em relação a essa parceria propicia aos alunos compreensão maior do espaço vivido.

À guisa de conclusão, vale salientar que uma boa educação é a base de todos os setores no país e que não se constrói cidadania sem um viés educacional, por mais que tenhamos consciência que esse problema de isolamento social, ensino emergencial, interferência imediata nas relações sociais tenha “atrapalhado” o curso da dinâmica como sociedade, é importante lembrar que os professores precisam ser valorizados para além de sua profissão, pois hoje, com o uso de novas tecnologias, uso de plataformas digitais e dispositivos móveis, ou seja, a reinvenção do professor nos mostra o quanto nossos educadores podem se integrar às novas circunstâncias e desafios, mas, para isso, precisam ser valorizados e treinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Covid-19 obrigou um afastamento das relações sociais como um todo através do processo de distanciamento social e também fez com que várias pessoas em todo o mundo fechassem as portas de suas casas para o mundo externo fazendo com que a relação familiar ascendesse de forma excepcional, fortalecendo relações e delimitando novos usos espaciais.

Essa delimitação no âmbito familiar fez com que muitos trabalhadores, incluindo os professores, montassem um verdadeiro escritório em seu lar, analisando espaços que antes não eram usados ou organizando espaços onde antes não se tinham.

Com isso, o vírus trouxe uma evidência sem precedentes na formação dos professores, tendo em vista que não havia uma preparação mediante os casos ditos emergenciais, pois a implantação do ensino remoto emergencial no Brasil escancarou a necessidade de uma formação completa para os professores por meio de leis existentes na nossa legislação, e salientou quão frágil se torna o meio educacional em níveis globais de educação nos casos como



o novo Coronavírus, sendo que a sobrecarga dos professores atrelado aos resquícios de aulas em suas casas, extrapolou os trabalhos realizados na escola.

Evidenciou também a realidade de muitos alunos diante do nível de acesso às tecnologias, fazendo com que se obtenha uma consciência maior sobre a desigualdade social que o país se encontra e deixando claro que, se os alunos não tiverem uma educação acompanhada com professores, muitos ambientes familiares não estão prontos para assumir a educação de seus filhos, tornando o ambiente escolar essencial para a formação social do aluno.

Essas questões nos remetem ao processo de que o Ensino Remoto Emergencial, em que não se sabe ainda quais as perdas e os ganhos vividos nesse processo de ensino “à distância”, não se tem noção da qualidade do ensino ministrado ao aluno nem ideia da aprendizagem dos estudantes, pois ainda é realidade de muitas escolas brasileiras, mas é inegável que pesquisadores em todo o país estão procurando saber como o ambiente escolar e o ambiente familiar estarão após esse processo de estudos em *Home Office*, pois muitos trabalhos estão sendo levantados à respeito do tema.

Portanto, entende-se a respeito deste estudo baseando-se nas leituras realizadas que a implantação do Ensino Remoto Emergencial evidenciou a realidade da sobrecarga do professor, a dificuldade do uso das tecnologias e a necessidade de uma formação continuada dos professores para além das salas de aulas que deveriam estar presentes nas grades curriculares das Universidades, além de pontuar quão importante é o ambiente escolar para a formação social, cultural e moral do aluno e compreende-se que o processo da educação em escala emergencial em ambiente virtual não se compara ao processo de ensino de Geografia em ambiente escolar, uma vez que, ao interagir diretamente com os alunos, estes podem sentir-se à vontade diante do assunto exposto e, ao comparar com sua realidade, o aprendizado e entendimento do aluno se torna mais consolidado.

Assim, entende-se que apesar dos governos tentarem sanar os problemas a nível educacional no Brasil com a implantação do Ensino Remoto Emergencial, não se possui um lugar de aprendizado mais adequado que a sala de aula.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Eucídio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

AVELINO, Wagner Feitosa; MENDES, Jessica Guimarães. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.



BARRETO, Andreia Cristina Freitas; ROCHA, Daniele Santos. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im) possibilidades. **Revista Encantar-Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-11, 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 29 jun. 2021.

DE SOUZA, Dominique Guimarães; MIRANDA, Jean Carlos. Desafios da implementação do ensino remoto. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 4, n. 11, p. 81-89, 2020.

DOS SANTOS, Adalcio Machado. Educação a distância—análise dos desafios futuros. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 7, p. 45341-45354, 2020.

ESCRITÓRIO DE ENSINO SUPERIOR. **Orientação para interrupções do estudo relacionadas ao Coronavírus (COVID-19)**. Disponível em <https://fsapartners.ed.gov/knowledge-center/library/electronic-announcements/2020-03-05/guidance-interruptions-study-related-coronavirus-covid-19-updated-june-16-2020>. Acesso em: 05 jun. 2021.

FARIAS, Heitor Soares de. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. **Espaço e Economia. Revista brasileira de geografia econômica**, n. 17, 2020.

FECHAMENTO DAS ESCOLAS NO BRASIL EM SEMANAS (65 WEEKS) [figura 3]. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 07 set. 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas, Donaliso. Maria Rita, Napimoga. Marcelo, **Análise da gravidade da pandemia de Covid-19**. Artigo de opinião. 200008. p. 1-5. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Saúde Coletiva, Campinas, SP, Brasil. Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília, 2020.

GARCIA, Tânia Cristina Meira. MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. ZAROS, Lilian Gioto. RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas** [recurso eletrônico]. Natal – SEDIS/UFRN, 2020.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

HODGES, Charles et al. **A diferença entre ensino remoto de emergência e aprendizado on-line**. Disponível em: <https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>. Acesso em: 16 set. 2020.

JOYE, Cassandra Ribeiro; MOREIRA, Marília Maia; ROCHA, Sinara Socorro Duarte. Educação a Distância ou Atividade Educacional Remota Emergencial: em busca de elo perdido da educação escolar em tempos de COVID-19. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 7. p. 01-29, 2020.



MARTINS, Vivian; ALMEIDA, Joelma. Educação em Tempos de Pandemia no Brasil: Saberes-fazer escolares em exposição nas redes. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 4, n. 2, p. 215-224, 2020.

MONITORAMENTO MUNDIAL DO FECHAMENTO DE ESCOLAS DEVIDO À COVID-19 [figura 1]. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 07 set. 2021.

MONITORAMENTO MUNDIAL DO FECHAMENTO DE ESCOLAS DEVIDO À COVID-19 [figura 2]. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 07 set. 2021.

PINTO, Karla Emanuella Veloso; MARTINS, Ronei Ximenes. A implantação do Ensino Remoto Emergencial em escolas públicas e particulares da Educação Básica: estudo de caso em um município mineiro. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 8, n. 1, 2021.

SILVA, Lorena et al. Educadores frente à pandemia: dilemas e intervenções alternativas para coordenadores e docentes. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 3, n. 7, p. 53-64, 2020.

SCHUCHMANN. Alexandra Zanella, SCHNORRENBERGER. Bruna Luiza, CHIQUETTI. Maria Eduarda, GAIKI. Raiane Suzana, RAIMANN. Bruno Wensing, MAEYAMA. Marcos Aurélio, Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3556-3576, 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19. Nota Técnica, 2020.

UNESCO. **Impacto da COVID-19 na educação**. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/covid-19-como-coalizao-global-educacao-da-unesco-esta-lidando-com-maior-interruptao-da>. Acesso em: 05 maio 2021.